

José de Mesquita
Da Academia Matogrossense de Letras

PAZ E JUSTIÇA

(Discurso proferido pelo desembargador José de Mesquita no almoço comemorativo das bodas de Prata da turma dos bacharéis de 1913 da Faculdade de Direito de São Paulo)

Revista de Cultura
Ano XIII – 1939
Págs. 171 e 174
Diretor: Pe. Thomas Fontes
Redação: Rua do Catete, 160 – Rio de Janeiro

JOSÉ DE MESQUITA



José Barnabé de Mesquita

(*10/03/1892 †22/06/1961)

Cuiabá - Mato Grosso

Biblioteca Virtual José de Mesquita
<http://www.jmesquita.brtdata.com.br/bvjmesquita.htm>

PAZ E JUSTIÇA

(Discurso proferido pelo desembargador José de Mesquita no almoço comemorativo das bodas de Prata da turma dos bacharéis de 1913 da Faculdade de Direito de São Paulo)

MEUS AMIGOS E COLLEGAS:

Há precisamente vinte e cinco annos, investido pela vossa generosidade do mandato de orador da turma recém-formada, eu vos concitava para este nosso encontro de hoje. E quis Deus que elle se realizasse e que fosse ainda a minha voz nesta «singela e commovida linguagem do coração» que viesse aqui dizer-vos da «real, profunda e incontida emoção que este momento desperta em nós».

Outro o scenario, bem diverso daquelle que nos recebeu, jovens e cheios de esperanças, no salão nobre da querida Faculdade de Direito, para o juramento sagrado da fidelidade ao diploma que nos era conferido.

Outras, por certo, também as impressões que nos enchem a alma, após a longa e penosa caminhada, por estradas nem sempre suaves, semeadas de altibaixos imprevistos, mais pródigas em urzes do que em flores. Ali, o que se nos desvendava aos olhos illuminados de sonho era a alvorada ridente da esperança, o rosicler matinal das illusões vintaneiras, abrindo os mais fagueiros horizontes ao nosso porvir; vemos agora, mesmo os que julgam ter attingido a meta dos seus ideaes, a meia luz crepuscular e outoniça, em que as celagens se tingem da morte-cor do poente, em vagas chromatizações que annunciam o breve e irremissível cahir da noite.

Mas somos felizes, meus amigos.

A vida, como as estradas, tem espigões donde se descortinam panoramas majestosos e interminos e baixadões escuros donde nada se avista. Neste dia, nós temos a impressão de galgar um desses divisores das águas, um altiplano na existência, e, por isso, o espírito se nos engrandece ao influxo dum desses sentimentos que parecem ter por multiplicador o infinito.

Volvemos o olhar para esse longo trato já percorrido e vemos que, graças a Deus, não foram vãos os augúrios com que, cinco lustros atrás, encerrei a oração da formatura: «mais tarde, quando qualquer de nós alludir ao Passado, recordando esta hora e os compromissos aqui assumidos, possa dizer com serena convicção dos fortes e vencedores — não desmereci, nem desmenti diante das responsabilidades, enfrentei-as, antes, com firmeza, e por isso, venci».

Essa victoria que vos desejei e que, estou persuadido, cada qual a seu turno e no seu sector de actividade, conseguiu, não é, certamente, a victoria ruidosa e espetacular das ribaltas mundanas, mas aquella silenciosa e intima do espírito, que se conquista pelo trabalho mais árduo, pela noção da dignidade, pelo cumprimento do dever.

A Providencia em nos concedendo a mercê de uma hora como esta, propicia-nos o ensejo feliz para uma tomada de contas da nossa consciência e bem que é que, della nos aproveitando, evoquemos, rapidamente embora, o Passado commum.

A nossa geração encontrou, ao seu primeiro contacto com a vida, uma phase decisiva e trágica da História e, mal apenas puséramos pé no tablado, sentimos a trepidação dum mundo que acabava e a germinação dum mundo prestes a nascer. Fomos a ultima turma do «antes da guerra». A que se nos seguiu, já recebeu as águas lustraes do Direito sob o pesado ambiente que a conflagração de 1914 criou para o mundo. Por isso mais se avolumaram as nossas responsabilidades.

PAZE JUSTIÇA

Vindos duma geração que acreditava no Direito, sentimos, ao penetrar na vida pratica, a pressão da violência decidindo os destinos dos povos. Educados na escola da Paz, logo, ao começar a carreira, ouvimos o reboar dos canhões e vimos, á claridade infernal das metralhadoras, as nações se empenharem na lucta formidável em que o primado da Força sobrepujava o da Lei.

Trazíamos dos bancos escolares uma formosa tradição de cavalheirismo, de cordura e de elegância moral.

Fomos nós, os calouros de 1909, que, no anno seguinte, sob a nobre inspiração de Brenno Silveira, abolimos o estúpido «trote» acadêmico.

A turma a que pertencemos assistiria, logo de inicio, ao Congresso de Estudantes, reunido nesta Capital, em Julho de 1909, certamen da intelligência e de formosas iniciativas, que empolgou a mocidade estudantina da época. Logo após surgiu, no país, arrebatando os ânimos, a campanha civilista, que, em São Paulo, teve a mais larga e fecunda repercussão.

A patina do tempo ainda não conseguiu desbotar o brilho e o fulgor daquellas festas memoráveis, em que o nome de Ruy Barbosa, paladino da igualdade internacional e das liberdades publicas, apparecia aos nossos olhos cercado de um halo quasi sagrado.

Ao concluirmos o curso, como que synthetizando as aspirações da nossa geração, fizemos inscrever, como o lemma do nosso quadro commerativo da collação de grau, as palavras impressivas dos Psalmos — *Pax et Justitia osculatae sunt*. A Paz e a Justiça se oscultaram.

Como admittiriamos jamais a Paz sem a Justiça ou a Justiça sem a Paz? A Paz tem de ser justa, para estável, a Justiça há que ser pacifica, para real e efficiente. A Paz sem Justiça é a paz dos túmulos ou dos escravos, que vem a dar na mesma, pois o captiveiro é a morte moral. A Justiça sem a Paz é a truculência bárbara e feroz, que tanto vale a força bruta, dês que não coexista com a Ordem.

JOSÉ DE MESQUITA

Goethe conceituou certa vez que «é preferível a injustiça á desordem». Não via o grande pensador e estheta o circulo vicioso, a tautologia do seu pensamento: a desordem presuppõe a injustiça e é della fructo inevitável.

No mesmo erro incidia a sabedoria clássica ao proclamar «Fiat justitia pereat mundus».

Não perecerá o mundo jamais por se fazer justiça, eis que ella é a propria harmonia cósmica, o rythmo iniversal, o equilibrio dos espíritos, como o da matéria!

Fazendo, por est'arte, da Justiça e da Paz as vigas mestras de nossa construcção psychica, ao mesmo tempo, sonhávamos nellas as columnas do edificio social e político das Nações.

Foi assim que saímos da vida da escola e foi assim que entramos a escola da vida — essoutra tão differente do que nô-lo fazem crer quando estudantes.

Aquillo que nos inculcavam como *norma agendi* nós o vimos, constantemente, posto á margem, quando não, conspurcado e espezinhado. As regras fundamentaes, da mecânica do espírito nas relações entre os povos e os indivíduos, eram seguidamente violadas e transgredidas. Isso, porém, longe de abalar as convicções que haurimos nos livros e nas lições dos nossos saudosos Mestres, mais as solidificaram, criando em nós o desejo latente de sermos os luctadores bravos e imperterritos pela implantação de taes princípios, formando um homem novo, num mundo melhor. E a despeito das desillusões e dissabores em que a vida é tão fértil, vêmos os nossos ideaes de justiça e de paz se avolumarem num anseio colectivo, e conquistarem, nas terras livres da América, todos os corações e todos os espíritos. Assistimos ao advento dum reinado de justiça social caracterizado, em nossa Pátria pela legislação trabalhista e pelo regime de autoridade que não mais permite as scenas degradantes do partidarismo oppressivo e absorvente de outros tempos.

PAZE JUSTIÇA

E a mentalidade brasileira, num unisono com a dos outros vinte Estados do continente occidental, vai dia a dia consolidando e effectivando, em novas conquistas, esse grande e generoso sonho de paz, que há de empolgar, um dia, a toda a humanidade.

Meus amigos;

Neste nosso encontro de hoje há um profundo sentimento que nos não pode deixar de impressionar vivamente. Durante cinco annos vivemos aqui, aprendendo dos nossos mestres as lições do direito, formando a nossa mentalidade nos moldes dos princípios eternos da Justiça. Daqui saímos, um dia, rumo aos mais diversos quadrantes, levando, no espírito e no coração, a sementeira bem dita desses nobres e puros ideaes.

Elementos das mais diversas regiões, pois a nossa turma possuía representantes de quase todos os Estados do Brasil, aqui nos congregamos de novo, nesta feliz ephemeride, para trazer a nós mesmos a consoladora certeza de que, não obstante as naturaes variantes de clima, aspectos próprios ou costumes, o Brasil é o mesmo, na sua unidade espiritual, que grandes e indestructíveis vínculos ligam, amalgamam, solidificam.

E um desses «vínculos eternos» é a consciência jurídica, de que somos representantes: magistrados ou advogados, obreiros do Direito, sob as suas mais diversas modalidade, todos nós trabalhamos a prol desse ideal da unidade nacional, cimentada na consciência jurídica.

Esses vinte e cinco annos que se seguiram á nossa partida das «velhas arcadas», assistiram a extraordinárias transformações no ambiente político e social da nossa Pátria.

A nossa Academia mesma está outra, sacudida do sopro renovador que, em meio quarto de século, fez da Paulicéa que conhecemos, a São Paulo querida da nossa saudade, esta formidável metrópole de hoje.

JOSÉ DE MESQUITA

Toda essa magnífica metamorphose, entretanto, não affectou a essência, a substancia vital, o que constitue, por assim dizer, o espírito de brasilidade da nossa terra e da nossa gente. E esse espírito — nós aqui estamos para o testificar — é e continua a ser, no Norte e no Sul, a Leste como no Oeste, vasado na nossa formação Christã e pacifica, enquadrado nas tradições jurídicas e moraes do Passado brasileiro, que repelle os exotismos perigosos e inadaptáveis ao clima espiritual de nossa terra.

E com que grata satisfação, com que confortadora certeza, averiguamos neste nosso prazo-dado, que, num verdadeiro milagre, as reservas de entusiasmo e de fé que aqui levamos jazem ainda, no mais fundo do nosso sêr, intactas e promptas a se manifestar á primeira oportunidade. Opera-se dest'arte em nós aquella «rotação da intelligência que volta ao ponto de partida» de que falava o grande Joaquim Nabuco, e vemos que, vencida esta primeira e grande parada, nós nos achamos fundamentalmente os mesmos, apesar das decepções e amarguras que a vida nos tenha propinado. Acreditamos, como sempre, na Justiça, elo supremo que aproxima os povos, como os indivíduos, pois, como bem accentua Vicente Licinio Cardoso « o que liga mais poderosamente os homens é a affeição, mas a affeição é impossível sem a justiça».

Meus amigos:

Uma grande sombra empana o fulgor meridiano desta hora de alegria radiante e effusiva para todos nós é a ausência de velhos Mestres e companheiros, que não mais veremos compartilhar connosco estas justas expansões. O nosso querido Paranympo, o saudoso Professor Almeida Nogueira, foi dos primeiros que perdemos, seguindo-se-lhe tantos outros abalisados e doutos lentes e caros collegas, cuja lembrança, ora nos enubla de saudades a mente enternecida. A vida é feita desses contrastes, como as telas em que luz e penumbra se alternam, para o effeito conjuncto maravilhoso.

PAZ E JUSTIÇA

Evoquemos, num momento de silêncio e concentração, a lembrança querida desses que não estão aqui na sua presença objectiva, mas os sentimos ao nosso lado, nessa real e impressionante subjectividade do espírito, que não perece nem succumbe com as contingências e precariedades da matéria.

Meus amigos:

De modo que poderemos agradecer a Deus, supremo propiciador dos bens e das graças que se nos fazem precisas na vida, este dom immenso da sua munificência sem par, em nos permittindo o prazer ineffavel deste dia?

Aqui nos encontramos, brasileiros vindos de todos os recantos do Brasil, trazendo connosco os nossos queridos que vem participar das sadias manifestações do nosso jubilo e da nossa saudade, e sentimos, com viva, intensa, intraduzível emoção, que vamos nos separar outra vez e que o nosso novo encontro se faz mais incerto, num futuro cheio de nevoas e negrumes. Mas, si o quizer a Providencia, ainda poderemos nos rever, em venturoso ensejo como este.

De qualquer forma, porém, sellaremos a nossa amizade e o pacto de honra que, um dia, formulamos, pedindo a Deus nos permítta essa ventura de proseguirmos, tal qual até hoje temos vívido, fieis aos compromissos assumidos, trabalhando sempre pela grandeza do Brasil, uno e forte, á sombra da Justiça e sob o manto tutellar da Paz.

E que Possamos sempre ver, em nossa vida de homens, como na communhão nacional, convertida em feliz realidade a aspiração sublime e sagrada que gravamos, um dia, em nosso quadro de formatura, como legenda immortal dos nossos destinos: — *Pax et Justitia oscultæ sunt*. Oscularam-se a Justiça e a Paz.

JOSÉ DE MESQUITA

Meus amigos:

Levantemos as nossas taças, ao fim deste ágape, cordial e sugestivo, levantemol-as, num voto commovido pela felicidade da turma de 1913, para que ella continue, como ate hoje, unida estreitamente pelos laços indestructiveis dessa bôa, velha e sincera camaradagem.

Á nossa felicidade! Á felicidade dos nossos queridos!